

## Notas sobre *Leishmania chagasi* \*

por

S Adler

(Secção de Parasitologia, Universidade Hebraica, Jerusalem)

O nome *Leishmania chagasi* Da Cunha & Chagas 1937 foi dado ao agente etiologico da leishmaniose visceral da America do Sul para distingui-la da *L. infantum* e da *L. donovani*. *L. chagasi*, a principio, foi considerada uma especie à parte porque não infectava animais de laboratório e sorologicamente era diferente das outras especies de Leishmanias. Da Cunha (1938) e Adler (1938), porém, mostraram que *L. chagasi* infectava hamsters e Da Cunha mostrou ainda mais que cachorros tambem podem ser infectados. Os processos patogenicos em cachorros infectados no Brasil eram identicos áqueles registados na bacia do Mediterraneo. Da Cunha mostrou tendencia a considerar *L. chagasi* como sinonimo de *L. infantum*. Ferreira, Deane e Mangabeira (1938) infectaram *Phlebotomus longipalpis* com *L. chagasi* e nêles encontraram flagelados 70 e 90 horas após a refeição.

Na Palestina, flebotomos criados em laboratorio (*P. papatasii*) foram infectados por ingestão de culturas de *L. chagasi*. Esta especie leve uma evolução igual às do Velho Mundo, *L. infantum* e *L. donovani*, isto é, os flagelados, depois de se estabelecerem no flebotomo tinham tendencia a ocupar uma posição anterior, e dentro de 5 dias eram encontrados na parte anterior do faringe. O indice de infecção nos flebotomos foi de 24% quando a emulsão de flagelados usada continha 300 parasitos por 0,1 mm<sup>3</sup> e elevou-se a 71% com emulsões de 1.000 a 2.000 flagelados por 0,1 mm<sup>3</sup>, e a 89% com concentrações mais ricas; Tanto quantitativa como qualitativamente *L. chagasi* portou-se como *L. infantum* e *L. donovani* nos flebotomos.

Até o presente tem sido impossivel distinguir *L. chagasi* de *L. infantum* por qualquer prova de laboratório, mas um julgamento final só deverá ser dado depois de experiências com especies diferentes de flebotomos. A raça de *L. tropica* do Velho Mundo que é transmitida tanto pelo *P. papatasii* como pelo *P. sergenti* só pode ser diferenciada da raça transmitida pelo *P. sergenti* (mas não pelo *P. papatasii*) pelos in-

---

\* Recebido para publicação a 20 de Dezembro de 1939 e dado á publicidade em Abril de 1940.

dices comparativos de infecção nestas duas especies de flebotomos. Em todos os outros aspétos são indistinguiveis. Uma diferenciação biologica semelhante poderá ainda ser encontrada entre *L. chagasi* e *L. infantum*. A distribuição de *L. infantum* e *L. donovani* no Velho Mundo está restrita à zona onde incidem as varias especies de flebotomos do grupo « major », e estas leishmanias não são, ao que se sabe atualmente, transmitidas por outros flebotomos. No Novo Mundo não são conhecidos flebotomos do grupo « major » e a posição sistematica do *P. longipalpis* é muito afastada deste grupo.

A possibilidade de transporte da *L. infantum* do Velho para o Novo Mundo deve ser considerada. No caso da *L. infantum*, o homem não age como fonte de infecção, nem mesmo em focos endemicos; este papel pertence inteiramente aos cachorros pela infecção uniforme da pele intacta dos animais infectados. No Novo Mundo o cachorro parece ter um papel semelhante com respeito a *L. chagasi*. A doença, portanto, ou foi importada da Europa por intermedio de cachorros infectados, ou é autóctona.

Não há duvida que a leishmaniose cutanea existia na America em tempos pre-colombianos, pois figura nas jarras dos Incas. A existencia de um protozoario parasita, *L. brasiliensis*, no Novo Mundo e de uma especie muito afim, *L. tropica*, no Velho Mundo, numa época em que não havia comunicação entre os dois, é uma prova forte da antiguidade da Leishmania como parasita do homem. A leishmaniose deve, portanto, ser considerada uma das mais velhas doenças humanas.

A leishmaniose cutanea da America do Sul, sem duvida, não será de importação recente da Europa, mesmo tomando em conta que alguns casos de *L. brasiliensis* que não podem ser distinguidos clinica e histologicamente de casos de *L. tropica* e a semelhança clinica entre a leishmaniose visceral sul-americana e a do Mediterraneo não implica necessariamente que a ultima tenha sido introduzida na America do Sul por cachorros infectados vindos da bacia do Mediterraneo. Até o presente, não tem havido nenhum caso provado de formação de novos focos de *L. infantum* mesmo no Velho Mundo, onde a doença é notadamente estatica em sua distribuição.

Pelas razões acima, achamos que a leishmaniose visceral americana não é de importação recente mas é indigena, de ha muito, na America do Sul.

## REFERENCIAS

ADLER, S.

1938. Infection of the Syrian hamster with *Leishmania chagasi*. Transactions of the Roy. Soc. of Trop. Med. Hyg., **32** (1).

ADLER, S. &amp; THEODOR, O.

1938. The behaviour of *Leishmania Chagasi* in *Phlebotomus papatasi*. Ann. Trop. Med. and Parasit., **39** (1) : 45.

MARQUES DA CUNHA, A. &amp; CHAGAS, E.

1937. Leishmaniose Visceral. Estudos sobre o parasito. Mem. Inst. Osw. Cruz, **32** (3) : 329.

MARQUES DA CUNHA, A.

1938. Infecções experimentais na Leishmaniose visceral americana. Ibid., **33** (4) : 581.

FERREIRA, L. C., DEANE, L. &amp; MANGABEIRA, F.º, O.

1938. Infecção de *Flebotomus longipalpis* pela *Leishmania chagasi*. « O Hospital », **14** (4) : 2.
-